

**A continuidade da paisagem e da natureza através
dos afrodescendentes na cidade de São Paulo -
Capital**

*La continuidad del paisaje y la naturaleza a través de los afrodescendientes en la
ciudad de São Paulo - Capital*

Eunice Gonçalves Queiroz

Professora Mestranda, UFBA, Brasil
egqueiroz@aol.com

Henrique Cunha Junior

Professor Doutor, UFC e UFBA
henriquecunhaafricanidade@gmail.com

RESUMO

Para entender um dos pilares que sustentam a complexa cultura africana com os seus hábitos, afazeres e vivências, reelaborada neste país chamado Brasil através dos afrodescendentes, é importante nos apropriarmos deste conhecimento. Este trabalho é realizado através da análise de pesquisas feitas por diversos autores e se pretende estruturar este pensar milenar que muito contribuiu e contribui para a construção da nação brasileira. E então a partir deste conhecimento trazer a margem fatos pouco conhecidos e entendidos que ficaram submersos devido a contínua exclusão, desqualificação, apagamento que constituem o racismo estrutural contra o grupo negro. Temos como local a cidade de São Paulo que se consagrou como centro industrial, mas, devido a mentalidade excludente apagou as referências negras da sua história. Nos seus primórdios São Paulo era caracterizada por população negra e força cultural Bantu. Marcador que pode ser apreendido observando na toponímia da cidade. Esse artigo é parte de um estudo que envolve a recuperação da memória social, cultural e focaliza o estudo de um dos terreiros de candomblé símbolos da cidade e que é pouco difundido na literatura sobre a história da cidade e a importância de ter se tornado um patrimônio material e imaterial, O Axé Ilê Obá sendo da cultura Bantu sua estrutura, entre outros está focada na natureza e como ela nos dá dimensões na forma de ser e estar no mundo através de suas representações e interferindo na paisagem que temos na cidade. Em especial dentro da complexidade sistêmica da cultura NTU.

PALAVRAS-CHAVE: Afrodescendente, Paisagem, Patrimônio.

RESUMEN

Para comprender uno de los pilares que sustentan una cultura africana compleja con sus hábitos, prácticas y vivencias, reelaborada en este país llamado Brasil a través de los afrodescendientes, es importante apropiarse de este conocimiento. A través del análisis de investigaciones realizadas por varios autores, se pretende estructurar ese pensamiento milenario que mucho ha contribuido y contribuye a la construcción de la nación brasileña. Y luego, desde ese conocimiento, llevar al margen hechos poco conocidos y entendidos que quedaron sumergidos por la continua exclusión, descalificación y racismo contra el grupo negro. Tenemos como local la ciudad de São Paulo que fue consagrada como centro industrial, pero que, debido a la mentalidad excluyente, borró las referencias negras de su historia. En sus inicios, São Paulo se caracterizó por una población negra y una fuerza cultural bantú. Marcador que se puede aprehender mirando la toponimia de la ciudad. Este artículo es parte de un estudio que involucra la recuperación de la memoria social y cultural y se enfoca en el estudio de uno de los candomblé terreiros que son símbolos de la ciudad y que es poco conocido en la literatura sobre la historia de la ciudad y la importancia de haberse convertido en un sitio patrimonial, material e inmaterial, O Axé Ilê Obá siendo de la cultura bantú su estructura, entre otros, está enfocada a la naturaleza y cómo nos da dimensiones en la forma de ser y estar en el mundo a través de sus representaciones y interfiriendo con el paisaje que tenemos en la ciudad. Especialmente dentro de la complejidad sistémica de la cultura NTU

PALABRAS CLAVE: Afrodescendiente, Paisaje, Patrimonio.

1. INTRODUÇÃO

As rezadeiras, benzedoras e curandeiras são parte dos hábitos nacionais brasileiros, mescla de culturas em especial africana e indígena. Neste trabalho relatamos fatos de pesquisas que estruturam o universo africano com seus hábitos e formas de viver que são resultados dos povos das diversas diáspora africana que vieram para as américas.

Ressaltamos a cultura Banto que estruturou várias partes desta nação chamada Brasil de dimensões continentais, mas, faremos um recorte deste povo quando estruturaram e construíram a cidade de São Paulo, capital a partir da metade do século XVI e enfatizamos a complexa cultura africana que merece seu espaço como cultura nacional reelaborada. Destacamos a importância que a natureza tem para seus diversos povos que deram continuidade no Brasil. São Paulo quando da sua colonização, onde a mesma foi sesmaria do Padre José de Anchieta. (<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/cidade-de-sao-paulo.htm>) A fundação da cidade de São Paulo aconteceu no local conhecido como Pátio do Colégio, em 1554. A edificação foi construída pela missão jesuítica liderada pelos padres José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, com a intenção de catequizar as populações indígenas que viviam na região. Há de se levar em consideração que naquela época a costumeira manutenção era de mão de obra escrava, à qual foi a força motriz da construção de muitas cidades brasileiras e São Paulo não fugiu à regra. Os negros trazidos para o Brasil no escravismo criminoso tinham conhecimento e formação que foram amplamente utilizadas na construção desta nação, Cunha Junior (2019) nos faz um relato importante, onde: a partir do século XVI os europeus invadiram a África e dominaram as Américas e passaram a produzir economias nas Américas com trabalhadores africanos que detinham conhecimentos sobre a agricultura e pecuária em regiões tropicais. Também conheciam e dominavam a produção de ouro no continente africano, daí serem trazidos para o trabalho escravo na produção de ouro do Brasil. Os africanos que vieram para serem escravizados no Brasil não atuavam apenas trabalho braçal, visto serem conhecedores de formas de produção, também nesse quesito foram explorados pelos escravizadores europeus. A escravização de africanos não foi determinada pelo atraso civilizatório ou por razões de menor desenvolvimento cultural ou científico, foi por razões de maior poder militar dos europeus sobre regiões africanas.

A cidade de São Paulo foi aos poucos, ganhando centralidade econômica e política na região e tornou-se capital da província em 1815. A intensificação dos fluxos de migrantes e do desenvolvimento econômico de São Paulo aconteceu, principalmente, durante o ciclo do café. O avanço da industrialização, juntamente do fenômeno da urbanização, foi consolidando o papel da cidade na economia regional e nacional, chegando, atualmente, à classificação de cidade global.¹

2. OBJETIVOS

Interpretar a cultura africana através de seu ícone da natureza, pois todo orixá tem uma indumentária e uma associação de planta com ele. E toda cultura e fazer africano está associado a plantas, ervas e energia. Com toda uma cosmovisão e complexidade sistêmica que tem muito a contribuir com a sociedade brasileira.

E pretende-se contribuir com a propagação de fatos poucos explorados e que merecem relevância dentro da cultura afrodiaspórica. Referenciando plantas e árvores que são organismos importantes para a continuidade e equilíbrio no planeta terra. A importância deste trabalho está

¹ <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/cidade-de-sao-paulo.htm>

na contribuição para uma mudança de perspectiva sobre símbolos, hábitos, filosofia na cultura e na história africana dentro do meio ambiente.

3. METODOLOGIA

Utilizando a metodologia a revisão bibliográfica através de autores que se debruçaram sobre temáticas sobre a natureza, paisagem e hábitos oriundos de grupos e países africanos que aportaram no Brasil e se reelaboraram, possibilitando uma diáspora africana aos mais longínquos pontos brasileiros.

4. MÉTODO DE ANÁLISE

Através da análise de diversos autores se pretende mostrar as continuidades e reelaborações da cultura africana dentro deste recorte de natureza e paisagem. Possibilitando a continuidade e disseminação da natureza com hábitos africanos no Brasil afora, mas, em especial em São Paulo, capital.

5. REZADEIRAS E BEZENDEIRAS

Entende-se que existe um hábito comum das pessoas tanto na capital da cidade de São Paulo - Brasil ou no interior que são utilizar as rezadeiras, quer seja para rezas ou em situações de saúde. Situação que se propaga país afora. Mas o que são estas pessoas que humanamente prestam este trabalho normalmente gratuito. A seguir algumas falas que estruturam este pensar: (SILVA, 2015, p. 150) As rezadeiras são guardiãs de muitas sabedorias, adquiridas pela relação de iniciação com ensinamentos dos mais velhos (senhoridade) para os mais novos, e esses saberes sobre a medicina tradicional da afroreza. (DINIZ; DINIZ, 2018, s/n) As bezendeiras, rezadeiras ou simplesmente as curandeiras tem como atividade a reza, as quais são realizadas preces junto a gestos e o uso de algumas plantas ou ervas, num ritual que visa proporcionar a cura e o bem-estar da pessoa doente. (SILVA, 2015, p. 139) Se trata da cura com uso das plantas medicinais através das rezadeiras. Enquanto saberes ancestrais são abordados, mediante ensinamentos da cosmovisão africana. (PEREIRA; GOMES, 2004, p.40) É elemento constante nas benzenções o uso de ramos como corpos intermediários para produção do efeito da cura: a planta fornece energia vital ao homem. O vegetal representa a unidade fundamental da vida, através das características cíclicas da existência: nascimento, maturação, morte e transformação.

Quando se analisa o benzer e suas origens temos que (DINIZ; DINIZ, 2018, s/n) a palavra benzer vem do latim *bene dicere*, que significa bem dizer, é dizer bem de alguém e fazer o bem. O termo rezadeira vem descrito na literatura como mulher que realiza a cura através de benzimento.

Fazer benzeduras é fazer uma cruz com a mão direita aberta, da testa ao peito e do ombro esquerdo ao direito, mas complementa-se ao ato a fé e as ervas que são utilizadas no ato. A existência das rezadeiras ou benzedadeiras é muito antiga no Brasil e se origina da cultura africana, desde o período da colonização, pois, os negros trazidos forçadamente para as américas conheciam as ervas e suas funções. Mas também há de se levar em consideração que a Etópia foi o primeiro país cristão com a vinda do Cristo; então existiam grupos católicos na África vindos forçadamente para o Brasil no escravismo. Maria Eliene Magalhães da Silva nos complementa em seu trabalho:

Nesse sentido, abordo a palavra, o uso das ervas, raízes, folhas, flores e frutos através da religiosidade tem um sentido profundo de irmandade junto a ação da rezadeira, pela preocupação com o bem estar do outro através da cura, do respeito pelo outro em cuidar, com isso, quem necessita da reza sabe que precisa da rezadeira para cuidar da saúde espiritual e principalmente do corpo. Assim a rezadeira através de sua religiosidade preocupa-se com o outro, mesmo sabendo que não ganhará nada material, pois a reza é dada gratuitamente. (SILVA, 2015, p. 151-152)

6. PAISAGEM, PLANTAS E NATUREZA

Quando se analisa o grande espectro de fatores positivos que a natureza nos possibilita, e mais especificamente quando se pensa em uma árvore, em uma planta ou em ramos e flores, e o quanto eles são fator de equilíbrio no meio ambiente, desde a realização da fotossíntese² a outras funções que realizam como a absorção do gás carbônico³ ou ao amenizar a radiação solar⁴, regulam a temperatura e ajudam na diminuição da poluição.

Sobre as plantas sagradas africanas Patrícia Marinho de Carvalho na sua pesquisa sobre a: Travessia Atlântica de Árvores Sagradas: etnoarqueologia e estudos de paisagem no quilombo do Boqueirão, nos apresenta dados sobre plantas e árvores comuns em grupos afrodescendentes:

Os dados sobre as plantas sagradas foram levantados em quatro terreiros de São Paulo/ SP, dirigidos pelos sacerdotes: Tata Katuvanjesi, Mãe Amália, Mãe Caçulinha e Kiangana e um terreiro em Cuiabá/ MT, localizado na Parada da Conceição e dirigido por Pai Francisco, (...). (CARVALHO, 2015, p.239)

Geograficamente houveram muitas migrações no Brasil adentro, são pessoas que deixam sua cidade em busca de novas possibilidades ou simplesmente novo tipo de vida; e o fluxo do tráfico transatlântico seguiu parâmetros semelhantes:

(...) a rota Monções do Sul que ligava São Paulo a Mato Grosso por via fluvial pelos rios Tietê e Cuiabá, traficavam africanos embarcados no porto de Angola, com destino ao Rio de Janeiro; a segunda rota, por onde circularam africanos oriundos de Angola, Cacheu e Guiné Bissau foi pela Belém-Pará, que esteve sob o domínio da Companhia Geral de Comércio Grão-Pará e Maranhão (1755-1778); a terceira rota estabeleceu o comércio Goiás Cuiabá por onde circularam africanos embarcados na Costa da Mina. (CARVALHO, 2015, p. 242 Apud SYMANSKI E ZANETTINI 2010)

Todas estas rotas demonstram uma multiplicidade de vidas e saberes. E há de se considerar que, mesmo que o grupo da etnia "Banto" fosse a maioria, haviam entre eles representantes de várias outras etnias e grupos. Para Gilroy (2012, p. 38) a diáspora africana proporcionou uma comunicação entre diversos grupos étnicos que atravessaram o Atlântico, e o navio negreiro foi o espaço privilegiado das trocas culturais. Não podendo dissociar a identidade cultural dos descendentes de escravos africanos da experiência da escravidão e do racismo.

Sabe-se que comumente ao longo da vida as pessoas migraram de religião e hábitos, mas, entende-se que mesmo com a mudança se consolidou o aprendizado africano que ficou intrínseco nos hábitos, mesmo que com novos nomes e algumas diferenças no ritual (CARVALHO,

² Fotossíntese é um processo físico-químico, realizado pelos seres vivos clorofilados, que utilizam dióxido de carbono e água, para obter glicose através da energia da luz solar, utilizando a luz como fonte de energia.

³ O ciclo do carbono se constitui pela absorção do gás carbônico pelos vegetais no processo de fotossíntese. Metade deste carbono absorvido é liberado para a atmosfera e a outra metade do vegetal utiliza para produzir glicoses.

⁴ A radiação solar é a energia emitida pelo Sol, que se propaga em todas as direções através do espaço por meio de ondas eletromagnéticas, determinando a dinâmica dos processos atmosféricos e climatológicos.

2015, p. 239) O cruzamento de dados permitiu testar a hipótese inicial de que moradores do quilombo, mesmo não sendo praticantes de religiões de matriz africana, declarando-se católicos ou evangélicos, atribuíram significação simbólica a determinadas árvores, similar as atribuições do povo-de-santo às mesmas plantas.

Para tanto no trabalho de Carvalho (2015) se delimitou o quintal como área de estudo dos sítios, por considerá-lo que se constituem extensões da moradia, onde diversas atividades cotidianas são realizadas:

Os “quintais” são espaços onde são realizadas inúmeras atividades de caráter doméstico, de lazer, religiosidade e sociabilidade, ou seja, são espaços carregados de significados. Os autores citam as etnografias da África e do Caribe dos séculos XVIII a XIX, cujos dados poderiam atestar similaridades nos usos dos quintais entre populações africanas e afro-americanas do passado e também entre as afro-americanas atuais. O quintal, portanto, pode ser considerado como um espaço de mudança e de reinvenção cultural (CARVALHO, 2015, p.247-248 APOUD HEATH E BENNETT, 2000, 41-43).

Nas religiões de matriz africana as árvores são sagradas e também podem ser consagradas a uma divindade, entendendo a consagração como um processo pelo qual uma força não conhecida é transladada a um objeto, “este ganha personalidade, adquire o poder, o axé do deus ou do espírito que nele se fixa”. (CARVALHO, 2015, p. 259-260) Constatou na sua pesquisa de campo, quarenta e sete tipos de Árvores e herbáceas catalogadas no Quilombo do Boqueirão em Vila Bela Santíssima Trindade MT, e exemplifica doze tipos – Árvores e herbáceas catalogadas a partir da observação efetiva de sua aplicação ou depoimento sobre significação simbólica no Remanescente de Quilombo do Boqueirão em Vila Bela da Santíssima Trindade MT. Onde descreve-se várias árvores ou herbáceas⁵ utilizadas pelo grupo quilombola os quais são: Angico; Cedro Meliácea; Comigo-ninguém-pode (Arácea); Dracena vermelha (Liliácea); Embaúba (Morácea); Espada-de-são-jorge (Agavácea); Guiné (Fitolacácea); Laranjeira (Rutácea); Lixeira (Dileniácea); Mangueira (Anacardiácea); Pinhão-roxo (Euforbiácea); Tarumã (Verbenácea).

Vale exemplificar a mangueira que é uma árvore exótica, de origem asiática que se adaptou muito bem no Brasil, sendo comum nos quintais de várias regiões do país.

Sua origem asiática foi comprovada pela presença de fósseis de uma espécie primitiva, *M. pentandro*, em Akssam (África), na Índia e de espécies mais primitivas filogeneticamente semelhantes, *M. duperreana* e *M. longenifera* no Laos, Camboja e Vietnã (...) comprova-se o uso da folha da mangueira para banhos de descarrego, ser do conhecimento dos quilombolas do Boqueirão, mesmo os que não são praticantes de religiões afro-brasileiras, mas em sua maioria católicos e também evangélicos. (CARVALHO, 2015, p. 260-261)

7. O AXÉ ILÊ OBÁ NA CIDADE DE SÃO PAULO

O nome em Yorubá “Axé Ilê Obá” sinaliza uma instituição de religião africano tradicional de terreiro de candomblé.

O terreiro teve início das suas atividades na década de 1950, no centro da capital paulista, com Pai Caio de Xangô, na Congregação Espírita Beneficente Pai Jerônimo. São Paulo foi a cidade onde se desenvolveu o centro do capitalismo brasileiro e onde as classes dominantes

⁵ Ervas ou plantas herbáceas reportam-se, mormente, a duas qualidades de plantas: Plantas, geralmente, de pequeno porte e caule macio ou maleável, apresentando pouca ou nenhuma lenhina, que tende a secar depois de frutificar.

se esforçaram ao máximo para eliminar os marcadores da cultura africana dentro da cultura brasileira.

A cidade ficou conhecida pelas diversas imigrações, principalmente a italiana e japonesa. A perseguição aos terreiros e formas da cultura africana foi intenso e por esta razão os terreiros se afastaram do centro transferindo para os bairros pouco habitados em construção. Assim este terreiro se transferiu para o bairro do Jabaquara.

Imagem 1 – Axé Ilê Obá com sua frondosa árvore a frente da local



Fonte: Imagem Google.

Em 1960 a casa reabriu no bairro do Jabaquara, numa área de grandes chácara, na Rua Mucuri, sendo a mudança devido as pressões sociais, os problemas com a polícia que perseguia os terreiros e a necessidade de mais espaço de natureza porque as religiões africanas são muito ecológicas. O crescimento no número de filhos também demandava mais espaço com relação ao anterior. Em 1965, com recursos próprios e com a ajuda dos filhos de santo, iniciou-se a construção da atual sede. Então em 1975, se fundou oficialmente o Axé Ilê Obá e se transferiu as atividades para a sua nova sede na Rua Azor Silva, 77 também no bairro do Jabaquara, em uma área de 4.000 m², com um barracão central para as atividades e casas individuais para cada orixá ou famílias de orixás.

O espaço tornou-se referência pela tradição e manutenção do culto e das tradições religiosas de origem negra, assim como pela preservação da cultura brasileira.

O Axé Ilê Obá o primeiro terreiro de Candomblé da cidade de São Paulo a ser tombado como patrimônio material e imaterial pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHATT) na gestão de Mãe Sylvia de Oxalá. E hoje o terreiro tem a sua continuidade sob a liderança espiritual de Mãe Paula de Yansã que tem como seu braço direito seu irmão Péricles de Oxaguiã, então existindo desde 1950.

E apesar da sociedade ter uma visão negativa e excludente sobre o terreiro, produzindo um conflito étnico racial, que se insere nas práticas de racismo estrutural brasileiro negacionista sobre a cultura de base africana. Ele tem importância no grupo social com a sua participação e apoio na comunidade populacional do entorno. Enfim, o axé tem um movimento de aglutinar e apoio na sociedade, onde o conhecimento e a igualdade dos seres humanos devem ser mantidos, mesmo nas diferenças:

O racismo abarca as culturas e as religiões. Produzem visões racistas sobre as culturas de base africana e principalmente sobre as práticas de religiões de base africana. Como forma de respeito à igualdade de direitos e à liberdade de expressão religiosa é que a educação brasileira precisa abordar o Candomblé e a Umbanda. (Como forma de combate ao racismo antinegro). Variados podem ser os motivos que nos levem a abordar as religiões diversas da humanidade na educação brasileira. (CUNHA JUNIOR, 2009).

O terreiro de candomblé é o local onde os grupos afrodescendentes dão continuidade a sua ancestralidade e aos hábitos de seu grupo de maneira organizada e contínua. Durante o ano, existem diversas festas realizadas nos terreiros de candomblé, ou sejam as festas são recorrentes todo o ano em homenagem aos orixás, sendo dezesseis orixás cultuados no total:

(...) O Candomblé foi trazido por escravos africanos, mais precisamente de países atualmente conhecidos como Nigéria e República do Benin. Os seguidores do Candomblé são povos monoteístas, ou seja, cultuam apenas um Deus, chamado *Òlorúnivè*, cultuam e adoram os Orixás, que são divindades que representam as forças da natureza, são 16 orixás principais cultuados no Brasil, são eles: *Èsú, Ògún, Ossáín, Òsàlá, Òbáluàiyê, Sàngô, LogunEdé, Òsòssí, Òsumarê, Òsògiyón, Òsún, Òyá, Nanã, Iyewá, Òbá e Yemonjá*. (OLIVEIRA; MADRUGA, p.2-3, 2019)

Cada orixá tem sua roupa, com cores específica, uma associação a natureza e uma planta) como referência de plantas temos a seguir: Èsú (Brinco de Princesa), Ògún (Alamanda), Ossáín (Bálsamo), Òsàlá (Boldo), Òbáluàiyê (Sete sangrias), Sàngô (Baleeira), LogunEdé (Hortelã), Òsòssí (Manjeriço-roxo), Òsumarê (Alteia), Òsògiyón (Begônia maculata), Òsún (Folha de vintém), Òyá (Espada de Santa Bárbara/ Abacaxi roxo), Nanã (Alfavaca roxa), Iyewá (florestas e mata virgem), Òbá (Angico-da-folha-miúda) e Yemonjá (flor gladiolo). Acrescenta-se as diversas folhas de banhos e descarrego e também que cada orixá pode ter mais de um tipo de planta que o representa.

A seguir exemplo de três plantas que são também representações para os orixás.

Imagens 2, 3 e 4 – Alteia, Espada de Santa Barbara ou Abacaxi Roxo - a natureza que tem sua representação na orixalidade.⁶



As árvores e as plantas são sagradas nesta cultura do Candomblé e Umbanda, sendo uma conexão entre o espaço da existência humana e território do sagrado, habitat dos deuses, as árvores cumprem na concepção de mundo do Candomblé um papel fundamental no processo de manutenção da vida e do equilíbrio da coletividade. Que descrevem a relação entre os

⁶ https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSWUUqJQsjvUu7JGtR92tafUvSiEHwWaH0r_g&usqp=CAU
https://http2.mlstatic.com/D_NQ_NP_2X_882324-MLB42758516270_072020-F.webp
<http://1.bp.blogspot.com/-tHgzkue0BLc/TzESQdGaYBI/AAAAAAAAABfM/YAW2VUK0Ojo/s1600/Pata+de+vaca.jpg>

mundos material e imaterial, surge a figura da árvore como representativa da sustentação e da conexão entre estes dois espaços.

Mas, dentro do contexto ora proposto o importante é que para este grupo elas devam ser preservadas, cultuadas e daí a quantidade de elementos naturais preservados neste grupo a partir da exemplificação do número de orixás, ou mesmo a quantidade de plantas preservadas dentro de um terreiro ser bastante significativo e também motivo de preservação da paisagem da cidade.

Imagem 5 - Árvore no quintal do Axé Ilê Obá⁷



8. NTU – CULTURA BANTO NO BRASIL

A complexa cultura africana, se quisermos entender um outro pilar que sustentam os hábitos, fazeres e vivência da cultura africana, reelaborada neste país chamado Brasil através dos afrodescendentes, é importante nos apropriarmos deste conhecimento, o gráfico a seguir é o entendimento desta complexa engrenagem, onde tudo é interligado, através da explicação de Henrique Cunha Junior (2010) no que trabalho NUT - introduz da cultura e do pensamento das sociedades bantu com suas filosofias africana, dando introdução aos termos classificatórios das línguas bantu como parte de uma filosofia coletiva; e dos significados das classificações de Muntu, Kintu, Hantu, Kuntu e Nommo. Apresentando uma geografia e a sociedade dentro universo da filosofia.

Gráfico 1 – NTU e suas junções de tempo, espaço e vivências⁸



Onde a seguir transcrevemos sua explicação na íntegra:

⁷ https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/AX%C3%89_IL%C3%8A_OB%C3%81_21.jpg

⁸ <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/9385/5601>

Na raiz filosófica africana denominada de Bantu, o termo NTU designa a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer à existência. O Muntu é a pessoa, constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, pela palavra. A palavra com um fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento da existência. A população, a comunidade é expressa pela palavra Bantu. A comunidade é histórica, é uma reunião de palavras, como suas existências. No Ubuntu, temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e o outro existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva. (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 81).

Sobre o entendimento do grupo Bantu e sua linguística, deve-se levar em conta todo um continente, com diversas nações e hábitos (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 84-85). Podemos designar como região de línguas Bantu uma imensa região correspondente a quase metade do território africano indo de Camarões no Atlântico ao Quênia no Índico, incluindo todos os países até a África do Sul. Na concepção das sociedades o ser humano composto do se corpo físico e da sua inteligência viva. Esta inteligência viva não vista como separada do corpo físico. Em certas situações, como na morte, o corpo físico pode se separar da inteligência viva. Trata-se de uma inteligência existente sem a vida corporal. A inteligência uma força espiritual viva, que do ponto de vista filosófico é metafísica, existe forma eterna, embora sempre de forma dinâmica sofre modificações da sua força existencial. Esta inteligência viva renasce e prolonga sua vida nos descendentes. Os seres humanos na mitologia africana têm o caráter grupal, e não individual. A palavra falada cria nas sociedades africanas. Ela tem o dom transformador. A palavra transforma os ser animado em ser com potencial humano, passível de inteligência humana a ser desenvolvida durante a vida. O ato da fala envolve muitos meandros interessantes nas sociedades africanas. Temos que os tambores também falam. A síntese de transmissão de informação pelos tambores é realizada em alguns povos. Por outro lado, a fala do tambor pode ser pensada como a comunicação com o mundo espiritual.

A palavra é um fator importante na cultura africana, mas como já falamos anteriormente esta é uma cultura complexa e a sua escrita é mais um de seus fatores comprovados através entre muitos.

Desde a Antiguidade até o presente, a utilização da escrita no continente africano é um fenômeno histórico presente em todas as regiões do continente. A criação de escritas originais, a adaptação de escritas de outras regiões e mesmo a difusão da escrita com caracteres árabes, em árabes e em línguas nacionais sempre existiu na África, anterior à difusão pelas regiões da Europa. Formas de escritas em uso na África chegaram ao Brasil através dos imigrantes forçados, africanos aqui escravizados. (CUNHA JUNIOR, 2011, p. 1)

Já as formas dos princípios filosóficos, sobre NUT da cultura Bantu, nos Alencar o pensar filosófico africano, onde, faz parte a condição humana. Mais especificamente quando falamos do: NTU, MUNTU, KINTU, HANTU, KUNTU.

O NTU embora não existe por si próprio, ele transforma a tudo que existe com elementos tendo uma mesma natureza em comum. Tudo tem o seu NTU. O NTU não expressa a força da natureza em si, mas a sua existência.

Nas línguas africanas as existências do mundo material e imaterial podem se agrupadas em [...] categorias. São classificações linguísticas. Estas quatro categorias básicas de tudo que existe é bem explícita nas línguas bantu e podem ser nomeadas como: MUNTU, para os seres humanos completos, KINTU, para as coisas animadas e inanimadas consideradas todas como portadores de vida, HANTU, representando tudo que tem relação com tempo e espaço,

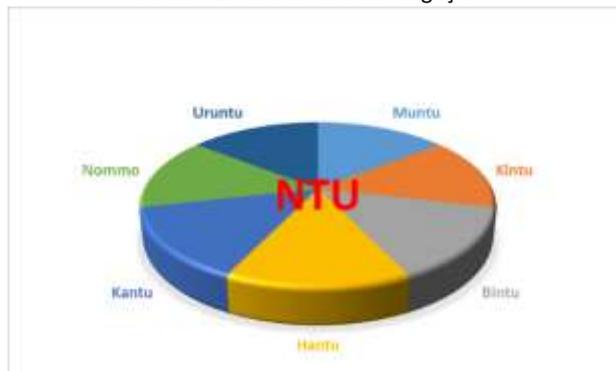
KUNTU, como modalidade ou como os atributos de inter-relação de categorias, como uma força que permite a ligação entre dois significados.

- MUNTU é classificação para seres dotados de inteligência. São considerados Muntu os seres humanos, vivos ou mortos. Os ancestrais e mesmo os Inquíces, como ancestrais mais antigos da sociedade, estão nesta categoria de Muntu.
- KINTU é uma classificação para coisa, tendo o sentido de forças do NTU não contendo inteligência e que fica à disposição dos seres humanos para propiciarmos a vida.
- BINTU (seu plural é Kintu), ou coisas. São seres que não tem atividade própria, sendo que a idéia das atividades não é no sentido de movimento, mas sim de fazer pelo uso da inteligência que implica na capacidade de aprender criar ou executar.
- KUNTU é uma modalidade que abriga qualidades subjetivas e modificadoras de outras qualidades. A inteligência é uma propriedade classificada como Kuntu. A inteligência é um atributo humano que compõe outro conceito complexo que é vida da inteligência. O sorriso, a beleza ou a esperteza são formas de energia da qualidade do Kuntu.
- HANTU é a categoria classificatória de lugares. Temos que no pensamento africano um lugar é definido com relação a um tempo. A categoria espaço – tempo formam um binômio produzido pela classificação em Hantu. As palavras ligadas aos pontos cardeais, aos espaços geográficos ou a descrições do tipo mapas estão presentes nesta categoria. Mas também ontem, hoje e amanhã. Manhã, tarde, entardecer, noite e amanhecer. Hantu é a qualidade de energia da localização espacial, temporal e do movimento de mudanças.
- NOMMO é a força motora que da vida, sentido e eficácia para todas as coisas (Eficácia como a qualidade daquilo que produz o efeito desejado). Nommo é uma fonte dessa qualidade, onde temos uma palavra, uma semente, uma água e um sangue. O NOMMO é uma qualidade ligada a harmonia dos Muntu, Kintu, Hantu e Kuntu. Trata-se da forma de manter a organização desses elementos. O que nos faz compreender a organização e o significado destes conceitos classificatórios e de suas associações. O NOMMO produz uma possibilidade de harmonia das forças de tudo que existe no mundo visível e invisível.

No Ubuntu repousa a comunidade e suas relações sócias baseadas na tradição, na ética social e no reconhecimento de todos como indispensáveis. A identidade e a personalidade dos indivíduos é parte do Ubuntu. Este Ubuntu é a aplicação do conceito de totalidade as relações humanas e as sociedades existentes. E o Nommo tem a ver com a preservação da harmonia.

Então desta mescla de possibilidade temos uma análise de uma ramificação cultural africana de cultura Bantu, com toda a sua complexidade sistêmica milenar.

Gráfico 2 – NTU e suas interligações⁹



9. CONCLUSÃO

As árvores e plantas são essenciais para o equilíbrio da Terra, devido a diversas funções que realizam. Desde absorver a radiação solar e gás carbônico, liberar oxigênio e água, regular temperatura e diminuir a poluição do ar. Também são alimentos para diversos habitats de diversas espécies, produzindo diversos outros produtos ou sistemas.

Segundo Gilroy (2012), durante a diáspora, os negros criaram um corpo único de reflexão sobre a modernidade e seus dissabores que continua presente nas lutas culturais e políticas de seus descendentes. No entanto, o racismo moderno não reconheceu os negros como pessoas com capacidades cognitivas, ou mesmo com uma história intelectual. Soma-se a cultura NUT com toda a sua complexidade, desconhecimento e invisibilidade na cadeira cultural que muito tem a contribuir com sua complexidade sistêmica. Onde o Muntu é a pessoa, constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, pela palavra. A palavra com um fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento da existência. Eu, nós, existimos porque você e o outro existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva.

A cultura africana é passada de maneira verbal, mas, desde a Antiguidade até o presente, a utilização da escrita no continente africano é um fenômeno histórico presente em todas as regiões do continente. A criação de escritas originais, a adaptação de escritas de outras regiões e mesmo a difusão da escrita com caracteres árabes, em árabes e em línguas nacionais sempre existiu!

A cultura da população afrodescendente mergulhada na natureza, tem uma continuidade e inserção nos hábitos e fazeres desta comunidade em São Paulo e isto se representa no dia a dia das pessoas, pois os hábitos e costumes de um grupo se exemplificam na sua maneira de viver e isto se reverbera nas coisas que se usa e faz. Os quintais são espaços onde são realizadas inúmeras atividades de caráter doméstico, de lazer, religiosidade e sociabilidade, ou sejam, são espaços carregados de significados. O hábito de benzer com folhas e a atribuição de significação simbólica a determinadas árvores ou plantas tem uma importância na atribuição religiosa ou cultural, mas também social nos jardins como ornamentos e fator de bem estar. O quintal portanto, pode ser considerado como um espaço de mudança e de reinvenção cultural.

A cultura afrodiaspórica do Candomblé no Brasil e em especial na cidade de São Paulo muito contribuiu e contribui com a inserção da natureza na vida cotidiana de seus praticantes,

⁹ Fonte: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/9385/5601>

estruturando uma paisagem específica que possibilita uma forma única de viver sua ancestralidade. E o Axé Ilê Obá primeiro terreiro a ser tombado na capital de São Paulo nos possibilita esta preservação de natureza e cultura.

Mas, dentro do contexto proposto o importante é que para o grupo candomblecista a natureza e suas forças devam ser preservadas, cultuadas e daí a quantidade de elementos naturais preservados neste grupo a partir da exemplificação do número de orixás, ou mesmo a quantidade de plantas preservadas dentro de um terreiro ser bastante significativo e também motivo de preservação da paisagem da cidade.

10. REFERÊNCIAS

CARVALHO, P. M. de, A Travessia Atlântica de Árvores Sagradas: etnoarqueologia e estudos de paisagem no quilombo do Boqueirão - Vila Bela – MT. **Teoria e Sociedade** n. 23.1 - janeiro a junho – p. 237 – 265, 2015

Cidade de São Paulo. Mundo Educação. Site UOL.: Disponível em:
<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/cidade-de-sao-paulo.htm> Acesso em: 04 set. 2022

CUNHA JUNIOR, Henrique. Candomblé: como abordar esta cultura na escola. **Revista Espaço Acadêmico** (UEM), v. 102, p. 97-101, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7738>. Acesso em: 05 abr 2022.

CUNHA JUNIOR, H. NTU. **Revista Espaço Acadêmico**. N. 108 Maio, 2010 Disponível em:
<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/9385/5601> Acesso em 08 out 2022.

CUNHA JUNIOR, H. O Etíope: uma escrita Africana. **Educação Gráfica**. 2011. Disponível em:
http://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2011/06/01_O_Etiope.pdf. Acesso em 08 out 2022.

CUNHA JUNIOR; Henrique. BAIROS NEGROS: A FORMA URBANA DAS POPULAÇÕES NEGRAS NO BRASIL. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as** (ABPN), [S.l.], v. 11, n. Ed. Especial, p. 65-86, maio 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/683>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

DINIZ, Ericka Ellen Cardoso da Silva; DINIZ, Emerson Cardoso da Silva; **A Arte de Curar: saberes e práticas de rezadeiras e bezendeiras no cuidar da saúde**. Universidade Federal da Paraíba -UFPB/ Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. 2018. Disponível em:
https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA6_ID8014_17092018225050.pdf. Acesso em 07 out 2022.

GILROY, Paul **O Atlântico negro**. Editora 34, 2ª edição, Coedição: Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UCAM 2012, p. 432.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; **Assim se Benze em Minas Gerais – Um Estudo Sobre a Cura Através das Palavras**. ISBN: 9788571607040 Belo Horizonte: Mazza Edições, 408 p., 2004.

OLIVEIRA; F.S. MADRUGA Zulma Elizabete de Freitas. Ciência e Religião: Matemática no Jogo de Búzios. **XVIII Encontro Baiano de Educação e Matemática EBEM 2019** - Disponível em:
https://casilhero.com.br/ebem/mini/uploads/anexo_final/516dd20592b0e899123dd29a2e701eb7.pdf Acesso em 15 Mai 2021

SILVA, Maria Eliene Magalhães da. **Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras de quilombos de Caucaia/CE: uma abordagem pretagógica**. 2015. 207f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015. Disponível em:
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16678>. Acesso em 04 mar. 2022.